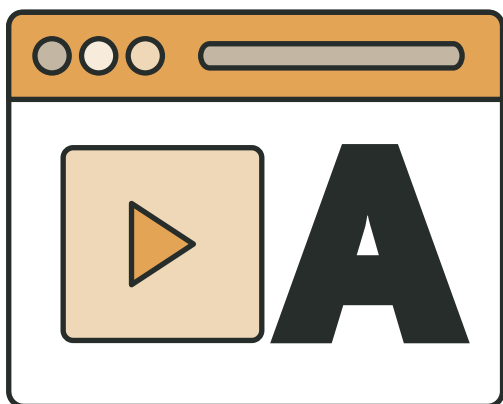


**Leitor digital e literatura: uma
perspectiva semiótica**

CAPITULO VI

Olira Saraiva e
Suzana Pereira Lopes Muniz





pesquisa em vigência destaca a importância de reconhecer a diversidade de práticas de leitura e escrita na sociedade contemporânea em ambientes digitais, bem como a necessidade de uma abordagem mais consistente para o ensino da linguagem e no reconhecimento das manifestações das linguagens em ambientes digitais. Os ambientes digitais movimentaram a juventude em direções convergentes “onde” os jovens leem sem cobranças, interagem entre os pares, curtem e compartilham ideias e pensamentos.

Nas plataformas de leitura, a hipermodernidade é notada pela maneira que os usuários encontraram na leitura, na interação e dinâmica no ambiente digital. Tal fenômeno fez emergir uma situação distinta daquela prática mais conservadora de leitura e análise de uma obra impressa. Nos ambientes on-line, existe uma modalidade de linguagem ou mais de um sistema de signos linguísticos ou símbolos (semioses). Os romances ganham novos títulos, novas ilustrações e desfechos variados. Outros usuários curtem, avaliam e compartilham ideias.

A concepção de Literatura transcende os limites da canonicidade ocidental, enveredando pelos corredores ricos e diversos das narrativas marginais, antes subalternas às normas dominantes. A abordagem recai sobre a valorização das narrativas oriundas de contextos culturais marginalizados, conferindo visibilidade e encorajamento a expressões literárias que, por muito tempo, foram negligenciadas ou rejeitadas pelo discurso hegemônico.

A formação de indivíduos leitores configura-se como um grande desafio no cenário educacional brasileiro. No entanto, as complexidades aumentam quando se aborda o domínio das escolas públicas, onde o desafio é ainda maior devido às inadequações

prevalentes no fornecimento de recursos, privando os estudantes de elementos essenciais conducentes a uma experiência educacional de alto performance.

Em resposta a esse cenário, a leitura digital e crítica surge como uma abordagem em desenvolvimento para lidar com essas complexidades sociais e econômicas que a formação do leitor digital atravessa. Tal conceito busca inaugurar um processo de emancipação intelectual (da cognição) e atitudinal (de disposição), desvencilhando-se de noções eurocêntricas que continuam a se impor no sistema educacional brasileiro. A relação entre literatura e os movimentos culturais emergentes mostra-se intrínseca e complexa, sendo uma literatura tanto reflexo quanto agente de transformação na dinâmica social.

Nesse ponto da pesquisa, um caminho parece ser importante discutir: as semiões – tanto do ponto de vista clássico com o autor Peirce (2005) até a literatura mais moderna Santaella (2022). Os movimentos sociais são promovidos por meio das diversas maneiras de expressão: imagem, música, vídeo, texto.... Então, a discussão e o levantamento do conceito da semiótica tornam-se cruciais nesta pesquisa.

Hipermodernidade: linguagens e semiões

Este estudo busca refletir sobre alguns fenômenos contemporâneos que envolvem a interação de usuários em plataformas de leitura. Então, os conceitos explicados anteriormente são de suma importância para que se compreenda que existem habilidades em suportes digitais de leitura como recurso de comunicação e esses contemplam diversas culturas e sujeitos que fazem parte de uma comunidade cuja interação ocorre pelos mesmos interesses. Assim, esses sujeitos interagem entre si em prol de um interesse: leem as obras em comunidades de leitura, comentam, avaliam e até elaboram capítulos diferentes.

Rojo e Barbosa (2015) afirmam que em todas as atividades humanas estão permeadas pelos gêneros discursivos – orais e escritos, impressos e digitais – utilizados socialmente e típicos de nossa cultura letrada urbana: cumprimento, bilhete, mensagem eletrônica, formulários, relatórios, contos, crônicas, romances, entre outros. São variados gêneros do discurso que são radicalmente uma entidade da vida. Segundo as mesmas autoras, conversamos, lemos romances, assistimos a telenovelas, e embora não saibamos classificá-los, reconhecemos, nos afeçamos e interagimos.

Depois de o texto ser publicado, o leitor toma seu “turno”, seja somente apreciando interiormente a obra (discurso interior), seja dela publicando

uma citação, resenha ou crítica. Portanto, estamos aqui chamando de “textos” – sejam eles orais, escritos ou multimodais – os enunciados concretos que ocorrem sempre se valendo, de diferentes maneiras, dos gêneros para dizer o que têm a dizer (discurso) e permite a interação com os outros (Rojo e Barbosa, 2015, p. 32, grifos das autoras).

Nesse contexto, existem as fronteiras entre o eu-locutor/falante e o outro-ouvinte/leitor nas interações sociais. Quando se publica um romance, segundo as autoras, permite-se que o leitor assuma outro papel, que é dialogar com as nuances da obra, assumindo assim o seu discurso ao apreciar a obra.

As pessoas que leem e interagem na elaboração e interação em diferentes situações comunicativas são constituídas integralmente de elementos objetivos e subjetivos. Nesse sentido, (Rojo e Barbosa, 2015, p. 54, grifo das autoras) enfatizam que:

Todas as atividades ou atividades que, vez por outra ou frequentemente, realizamos em nossa vida corriqueira a contento (ou não) agir de acordo com os padrões das práticas sociais que as regem. Nossa vida não é feita apenas de pessoas e objetos. Nem mesmo das ideias e concepções que temos sobre essas pessoas e objetos. É feita de nossas atividades ou ações com essas pessoas e objetos, que são, ao mesmo tempo, objetivas e subjetivas, sensíveis.

No sentido dos estudos linguísticos mais gerativistas, nota-se a relação entre as semioses e a capacidade de interpretação de significados passa por sistemas semióticos, que são conjuntos de signos e regras que organizam e comunicam informações. Esses processos são fundamentais para a compreensão da comunicação humana, pois permitem a criação de significados a partir da interação entre os elementos de um sistema semiótico.

Outra discussão mais consistente sob o ponto de vista filosófico e psicológico e que é possível ser fornecida com base nas contribuições epistêmicas à pesquisa. O filósofo e cientista norte-americano, Peirce (2005), afirma que

Todo fenômeno da nossa vida mental é mais ou menos como a cognição. Toda emoção, toda explosão de paixão, todo exercício de vontade é como a cognição. Mas modificações da consciência que são semelhantes possuem algum elemento em comum. A cognição, portanto,

nada tem, em si, de distinto, e não pode considerada uma faculdade fundamental. Entretanto, se nos perguntássemos se existiria um elemento na cognição que não é nem sentimento, sensação ou atividade, descobriremos que algo existe, a faculdade de aprendizado, de aquisição, memória e inferência, síntese. [...] Temos consciência de atingir e de sermos atingidos, de nos depararmos com um fato (Peirce, 2005, p. 23).

De acordo com a afirmação de Peirce (2005), é possível inferir sobre a interconexão entre os diferentes aspectos da experiência mental humana (signo, significante e a interpretação subjetiva), argumentando que todos os fenômenos mentais, sejam cognitivos ou emocionais compartilham características semelhantes e estão interligados de alguma forma. O autor enfatiza que a cognição não é uma faculdade fundamental separada, mas sim um aspecto integrado e intrínseco de nossa experiência mental.

Peirce (2005) sugere que, ao analisar os diversos fenômenos mentais, é fundamental identificar um elemento comum que transcende as distinções entre cognição, emoção e vontade. Esse elemento comum é a faculdade de aprendizado, aquisição, memória e inferência - o processo pelo qual adquire-se conhecimento, retendo informações, fazendo conexões e interpretações. O autor ainda destaca a faculdade do aprendizado é central para a nossa consciência de compreender e sermos afetados pelo mundo ao nosso redor. Ela nos permite não apenas perceber os fatos, mas também interpretá-los, inferir significados e sintetizar novas ideias a partir de nossas experiências.

Portanto, a afirmação de Peirce (2005) suscita uma compreensão holística da mente humana que extrapola as barreiras de uma análise puramente linguística, na qual a cognição é vista como parte integrante e essencial de nossa experiência mental, juntamente com aspectos emocionais e subjetivos. Essa visão ressalta a importância da aprendizagem e da capacidade de inferência e a relação entre os fenômenos os quais os sujeitos estão inseridos, a semiose¹ torna-se então um movimento dinâmico entre signo, objeto e interpretante.

¹ Segundo Peirce (2005), na obra *Semiótica*, semiose é uma ação ou influência, a qual é, ou implica uma cooperação de três sujeitos, o signo, seu objeto e seu interpretante, de modo que esta influência relativa não pode de forma alguma resolver-se em ações entre duplas.

Eco (1991) explora a complexidade dos processos de semiose em diferentes contextos culturais e comunicativos. Ele destaca a importância da interpretação dos signos dentro de sistemas semióticos específicos, que são influenciados por convenções culturais, sociais e individuais. Para Eco (1991), a semiose é um processo dinâmico e multifacetado, no qual os signos são constantemente interpretados e reinterpretados pelos agentes comunicativos.

O corpo de um símbolo transforma-se lentamente, mas o seu significado cresce inevitavelmente, incorpora novos elementos e livra-se de elementos velhos. [...] se um leitor não conhece, é infinitamente melhor que ele saiba que não os conhece. Isto é particularmente verdadeiro em lógica, que consiste inteiramente, quase se poderia dizer na exatidão do pensamento (Peirce, 2005, p. 50).

Peirce (2005) afirma que os símbolos, sejam eles: palavras, conceitos, ou outros signos, podem sofrer mudanças ao longo do tempo em sua forma física ou representação externa. Essa evolução/transformação do significado dos símbolos é um processo natural e inevitável, à medida que a linguagem e a cultura se desenvolvem. Destarte, a importância do reconhecimento da própria ignorância, especialmente em campos como a lógica.

O autor supracitado reconhece a existência e correlação entre três coisas: o fundamento, o objeto e o interpretante. O fundamento seria a gramática pura e os fundamentos – considerado verdadeiro relacionado à ciência), a lógica refere-se às condições de verdades representações, o interpretante relaciona-se com um signo que dá origem a outro signo, e um pensamento que dá origem a outros pensamentos. O signo representa um objeto ou conjunto de objetos.

Peirce (2005) reconhece que a Fenomenologia descreve, a princípio de modo um pouco vago, a relação existente entre a interpretação e às tríades (comparação, desempenho e pensamento). Na comparação, existe uma relação com as possibilidades lógicas. No desempenho, faz parte a natureza dos fatos reais. No pensamento, está ligada com o conjunto das leis. Assim existem a tricotomias: os signos são divisíveis (existente concreto, relação entre signo e objeto, objeto faz relação com o interpretante). Por outro lado, os estudos semióticos mais recentes não negam as teorias clássicas, entretanto ampliam as discussões pensando na existência de outros fenômenos da comunicação e manifestação das ideias e pensamentos.

O próprio conceito fundamental é o signo ou a semiose? Não é uma diferença pequena e, no fim, a alternativa repropõe a escolha entre pensamento do Εpyov (érgon) e pensamento da ἐνέρπεια (enérgeia). Re- lendo a história do nascimento do pensamento semiótico deste século, digamos do estruturalismo genebrês aos anos sessenta, parece que no início a semiótica se apresenta como pensamento do signo; depois, cada vez mais, o conceito entra em crise, dissolve-se, e o interesse des- loca-se para a geração de textos, para a sua interpretação, e para a va- riação das interpretações, para as pulsões produtivas, para o próprio prazer da semiose (Eco, 1991, p.12).

Segundo Eco (1991) o significado é o conteúdo que é comunicado. O significa- do linguístico e pertence ao universo das provas que se podem articular usando os fatos que as proposições representam, nas perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

Segundo esta objeção do signo como parte da identidade, tal signo es- taria baseado nas categorias da ‘semelhança’ ou da ‘identidade’ e esta falácia o tornaria coerente com uma ideologia do sujeito. O sujeito, como presumível unidade transcendental que se abre para o mundo (ou para o qual o mundo se abre) no momento da representação, o su- jeito, que transfere as próprias representações para outros sujeitos no processo de comunicação, é uma ficção filosófica que dominou toda a história da filosofia (Eco, 1991, p. 32, grifo do autor).

Assim, nota-se que a expressão do pensamento por meio da linguagem é algo bem mais complexo, subjetivo e também individual. Por isto, para Peirce (2005), o signo não é apenas alguma coisa que está estático no lugar de alguma outra coisa, ou seja, está sempre, mas só sob alguma relação ou capacidade em um sistema mais complexo e subjetivo. Muito além da lógica e das leis. O signo, na perspectiva mais contemporânea, reconhece as variantes e as diferentes situações comunicativas. Também considera a relação entre a mensagem e aquele que a interpreta e as dife- rentes interpretações dentro de uma complexidade de olhares.

Os signos afloram somente enquanto racionalmente expressáveis através dos elementos da linguagem. A linguagem articula-se enquanto expressa fatos significativos. Note-se bem: os estóicos ainda não dizem que as palavras são. signos (no máximo, dizem que as palavras servem para veicular tipos de signos) (Eco, 1991, p. 40, grifo do autor).

Em relação ao multiletramento, Rojo e Moura (2012) enfatizam a necessidade de considerar as diversas formas de comunicação presentes na sociedade, como imagens, vídeos, gestos e outras modalidades semióticas. Eles também discutem que os variados letramentos na contemporaneidade permitem uma compreensão mais abrangente das práticas de linguagem dos indivíduos, reconhecendo suas diferentes experiências culturais coletivas, sociais e tecnológicas.

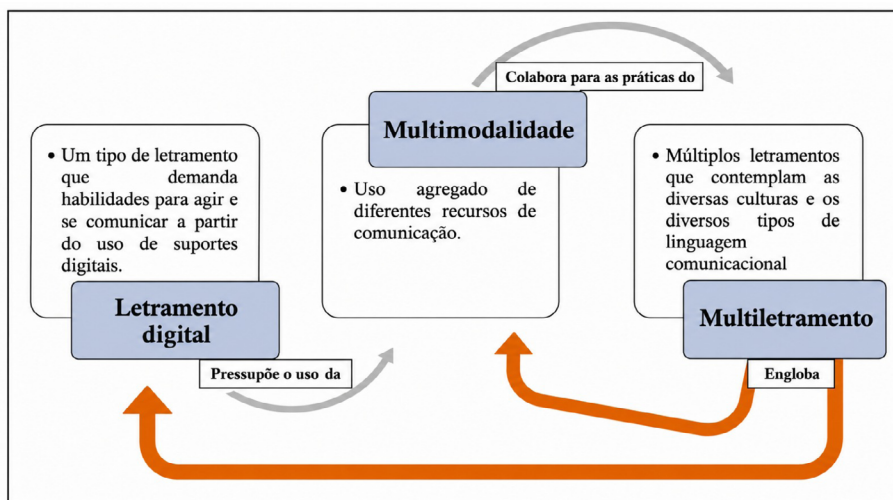
No que diz respeito ao letramento digital, os mesmos autores ressaltam que o letramento digital não se resume apenas à capacidade técnica de operar dispositivos e softwares, mas também envolve uma compreensão dos impactos sociais, políticos e culturais das tecnologias digitais.

E quanto à multimodalidade, Rojo e Moura (2012) ainda destacam a necessidade de uma abordagem integrada que reconheça a coexistência e a interconexão de diferentes modos de comunicação. Eles suscitam ideias e abordagens epistêmicas que os textos contemporâneos são frequentemente multimodais, combinando texto escrito com imagens, vídeos, áudio e outros elementos. Portanto, uma abordagem multimodal do letramento é essencial para entendermos a complexidade das práticas de comunicação na sociedade atual.



Figura 1

Interação e relação entre letramento digital, multimodalidade e multiletramento



Fonte: Rojo e Moura (2012)

O ato de ensinar os recursos linguísticos e o sistema de regras não se restringem mais à exposição da gramática normativa do idioma português ao estudante, um procedimento essencialmente descritivo e classificatório. A concepção contemporânea da língua a compreende como uma ferramenta primordial para a comunicação, valorizando, sobretudo, a perspectiva pragmática dentro de um sistema conectado de signos linguísticos e a evolução da linguagem humana.

Ensinar língua não é mais introduzir a gramática da língua portuguesa ao estudante, procedimento de natureza descritiva e classificatória. A língua é compreendida enquanto ferramenta da comunicação, privilegiando o ângulo pragmático de seu conhecimento. Comunicação é um termo bastante prestigiado na passagem dos anos 1960 a 1970, quando se verifica a ascensão da Semiologia no âmbito dos estudos superiores, fortalecidos com a emergente institucionalização dos programas de

pós-graduação. A Semiologia, depois preferencialmente denominada Semiótica, herdara da Linguística Estrutural o conceito de signo, mas estendia sua abrangência, pois considerava não apenas seu lado verbal, mas também o icônico e o simbólico (Zilberman, 2018, p. 12).

Zilberman (2018) afirma que o termo “comunicação” ganha destaque particular no cenário intelectual entre as décadas de 1960 e 1970, um período marcado pela ascensão da Semiologia nos círculos acadêmicos, consolidada concomitantemente com o surgimento e a consolidação dos programas de pós-graduação. A Semiologia, posteriormente rebatizada como Semiótica, herdou do campo da Linguística Estrutural o conceito de signo, porém ampliou sua abrangência ao considerar não apenas sua dimensão verbal, mas também os aspectos icônicos e simbólicos inerentes à comunicação.

Santaella (1983), adentrou o universo da semiótica, explorando e suscitando as concepções de Peirce (2005) acerca do signo e analisando suas diversas dimensões. Ela destacou a essência de um signo, que só pode desempenhar sua função ao representar um objeto, substituindo-o e atribuindo-lhe significado por algum sujeito envolvido, que por sua vez pode interpretar esse primeiro signo em outro, e assim por diante, em um processo infinito. Nesse sentido, o signo pode ter dois objetos distintos, o imediato e o dinâmico, e três tipos de interpretantes: imediato, dinâmico e o próprio interpretante em si.

A partir dessa lógica das triádicas do signo (comparação, desempenho e pensamento), Peirce (2005) estabelece uma classificação abrangente dos possíveis tipos de signos. Quando avaliado em si mesmo, pode ser categorizado como quali-signo, sin-signo e legi-signo. Quando relacionado ao seu objeto, abre-se espaço para três possibilidades: ícone, índice e símbolo.

Ao explorar as características da semiótica peirciana no sentido mais clássico até a literatura mais contemporânea. Santaella (1983) impacta por apontar a revolução das manifestações da linguagem e dos signos linguísticos. Assim, também abordou outras correntes semióticas, como a russa, surgida no século XVIII e popularizada durante o período revolucionário, e a da Universidade de Genebra, liderada por Saussure no início do século XX. Embora algumas associações entre essas vertentes sejam feitas, a autora ressalta suas diferenças significativas em suas raízes e abordagens.

O estudo da semiótica é de fundamental importância no atual cenário e diante dos fenômenos da contemporaneidade por diversos motivos. Primeiramente, ela oferece uma compreensão mais profunda e abrangente dos processos de comunica-

ção, auxiliando no processo de desvendar alguns fenômenos da comunicação pelos quais os signos são produzidos, interpretados e compreendidos pelos indivíduos em diferentes contextos sociais, culturais e mediados por diferentes aparatos e ambientes virtuais.

O nome Semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos.”. Contudo, pensando esclarecer, confundimos mais as coisas, pois nosso interlocutor, com olhar de surpresa, compreende que se está querendo apenas dar um novo nome para a Astrologia. Confusão instalada, tentamos desenredar, dizendo: — “Não são os signos do zodíaco, mas signo, linguagem. A Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens”. Mas, assim, ao invés de melhorar, as coisas só pioram, pois que, então, o interlocutor, desta vez com olhar de cumplicidade — segredo desvendado —, replica: — “Ah! Agora compreendi. Não se estuda só o português, mas todas as línguas. (Santaella, 1983, p.5).

No sentido apresentado por Santaella (1983), a semiótica possibilita uma análise profunda, mais crítica e reflexiva das mensagens e discursos presentes na sociedade contemporânea, especialmente em um mundo complexo e permeado de subjetividade dos sujeitos e por uma ampla gama de mídias e tecnologias de comunicação mediante aos fenômenos. O estudo da semiótica (ciências humanas e sociais) permite compreender como os signos são utilizados para construir significados. Outro aspecto relevante é o papel da semiótica na compreensão das linguagens visuais e digitais, cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

É tal a distração que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes...Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do

olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem (Santaella, 1983, p. 8).

Na citação feita, observa-se a percepção de que a linguagem humana evoluiu e exerce uma influência tão poderosa na vida dos sujeitos que têm, muitas vezes, a consciência de que a interação com o mundo vai além das palavras. Ela também ressalta que, como seres sociais, os indivíduos, na sua subjetividade, estão imersos em uma complexa rede de linguagem que vai além da comunicação verbal, abrangendo também formas visuais, espaciais e sensoriais. Ou seja, nossa comunicação e compreensão do mundo envolvem não apenas a leitura e produção de textos escritos ou falados, mas também a interpretação e criação de formas, cores, texturas e movimentos.

Assim, os sujeitos envolvidos são constantemente leitores e produtores de uma variedade de expressões e manifestações que compõem nossa experiência cotidiana, demonstrando a importância de ampliar a percepção para além do domínio exclusivo da língua. Ao estudar os diferentes tipos de signos e suas relações com as práticas sociais e culturais, a autora semioticista mais reconhecida no Brasil e também em outros países, oferece ferramentas importantes para a análise e produção de conteúdos multimídia, possibilitando uma análise e discussão mais profunda e ao mesmo tempo complexa sobre a comunicação também em ambientes digitais. A semiótica como ciência se mostra essencial no contexto atual por sua capacidade de fornecer insights sobre os processos de comunicação e desvelar os fenômenos que, por muitas vezes, são analisados de modo aparente.

Iremos, contudo, mais além; de todas as aparências sensíveis, o homem — na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos — desvela significações. E no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração dos sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens (produtos da consciência). Nessa medida, o termo linguagem se estende aos sistemas aparentemente mais inumanos como as linguagens binárias de que as máquinas se utilizam para se comunicar entre si e com o homem (a linguagem do computador, por exemplo), até tudo aquilo que, na natureza, fala ao homem e é sentido como linguagem (Santaella, 1983, p. 10).

A natureza do homem não pode ser analisada apenas a partir das estruturas orgânicas, fundamentais, sociais, políticas e econômicas. O olhar deve ser mais sensível e profundo em relação aos fenômenos da comunicação. O que é aparente, é muito sensível, no sentido mais complexo do eu-mundo. O homem é estimulado por diferentes objetos em diferentes signos e linguagens, que já vão além de linguagem verbal e não-verbal, mas as linguagens binárias (das máquinas). Tudo isso é linguagem, segundo Santaella (1983).

A formação do leitor digital

As políticas públicas atuais mostram as possibilidades de democratização do acesso e as habilidades no âmbito digital, mesmo com a compreensão não ingênua de que o uso das tecnologias faz parte de um projeto colonial do capitalismo. No entanto, tais políticas públicas mencionadas já se tornaram leis. Para tanto, o acesso ainda é escasso em várias regiões mais distantes, mas já há um esboço de um movimento para amenizar as desigualdades sociais e virtuais na escola pública.

É importante ressaltar apenas que o acesso não promove a emancipação, é necessário a mediação para que os estudantes acessem acervos e plataformas literárias e de leituras e o professor desempenhe um papel de mediador crítico. Afinal, as Humanidades Digitais possibilitam novos cenários à produção do conhecimento, desenhando e esculpindo contornos ao processo de aprendizagem contemporâneo.

A tecnologia, enquanto instrumento, não é suficiente para garantir novas composições, que reverberam em novos comportamentos sociais. As mutações capazes de produzirem mudanças sociais concretas, com possibilidades significativas são modelizadas, sobretudo, com procedimentos reticulares, por meio da conectividade. (Rodrigues, 2019, p. 37).

As Humanidades Digitais emergem como uma arena fértil, tanto para fortalecer o processo individual emancipatório, quanto para promover um reordenamento dos panoramas de produção do conhecimento, delineando e moldando as características distintivas do processo educacional contemporâneo, emergindo o leitor questionador.

Concomitantemente, torna-se patente que a tecnologia, apesar de ser uma ferramenta cultural, por si só, não detém a capacidade de concretizar as configurações que reverberam em modificações nas dinâmicas sociais. O desenvolvimento de novas apropriações, por meio das mediações, contribui para possíveis transformações

societárias substanciais, na exigência de uma abordagem que transcenda a mera instrumentação tecnológica.

A abordagem e discussão sobre multimídia suscitam uma indagação fundamental: quando, como e sob quais circunstâncias mudaram a transição tecnológica, dada a equivalência e a herança histórica que permeiam o deslocamento do meio impresso para o início revolucionário do digital. Torna-se importante compreender a trajetória que a tecnologia seguirá, considerando suas implicações na sociedade e a interligação entre o fim da era impressa e o emergir inovador do domínio digital.

Não acredito em outra coisa, e é isso que transmito aos jovens, a não ser no cultivo do pensamento, a saber, informar-se em meios seletivos e confiáveis, desenvolver hábitos de leitura, estudar, pois o mundo ficou extremamente complexo para que possamos nos dar ao pretensão e equivocado luxo da preguiça mental (Santaella, 2022, p. 273).

No cenário educacional presente, o docente é confrontado com uma conjuntura que exige uma vigilância constante sobre as transformações e os entrecruzamentos do processo pedagógico. Torna-se crucial para o professor reconhecer a funcionalidade da linguagem em um contexto influenciado pelas redes digitais. Diante da diversidade de linguagens e plataformas comunicativas, o educador deve adaptar suas estratégias de ensino, considerando as nuances e os desafios inerentes a essa paisagem comunicacional em constante evolução. Isso faz com que se estreite a relação da cultura digital com a postura reflexiva e questionadoras das relações de poder e sistema de controle de dados.

Geraldi (2003) apresenta a concepção social, em que a linguagem é vista como um fenômeno complexo e socialmente construído, que reflete as relações de poder e as condições sociais em que é produzida e recebida. O autor defende que a concepção social de linguagem é a mais adequada para o ensino de literário, pois permite uma compreensão mais ampla e crítica da linguagem, levando em consideração a diversidade linguística e cultural dos estudantes e as relações de poder presentes na sociedade. Ele propõe uma abordagem que valorize a reflexão sobre a língua, a partir de textos autênticos e contextualizados, e que leve em consideração as diferentes formas de expressão e as variedades linguísticas presentes na sociedade.

Assim, convém destacar a importância do uso de textos e obras literárias que promovam a diversidade cultural e a valorização das culturas periféricas. O material pedagógico deve ser escolhido de forma a contemplar essa diversidade cultural, e os

professores devem estar preparados para trabalhar com essa diversidade de forma crítica. Algumas obras são inacessíveis ou não estão no livro didático, então compete ao professor orientar, mostrar e tornar acessível por meio de acervos e plataformas digitais de acesso livre.

Para Ribeiro (2021), existe uma importância de repensar a prática da leitura e escrita em um mundo cada vez mais digital, considerando as mudanças nas formas de comunicação e a influência das tecnologias. A autora enfatiza as possibilidades e os desafios que as tecnologias oferecem para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, enfatizando a necessidade de integrar as habilidades tradicionais de leitura e escrita com as competências digitais.

Os estudos contemporâneos têm explorado a formação do leitor literário considerando a interação entre as práticas de leitura, o contexto sociocultural e as novas tecnologias. Para esses estudiosos, a formação do leitor não se restringe apenas ao ato de decifrar palavras, mas é um processo complexo que envolve aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

Nesse contexto, nota-se a emergência de uma cultura diferenciada e considerada nova em relação aos movimentos virtuais interativos, chamada Cultura da Convergência Jenkins (2009). Tal fato não deixa de ser polêmico e causar uma certa estranheza, principalmente para os leitores que têm preferência pelo impresso.

Nenhum de nós sabe realmente como viver numa e nesta época de convergência das mídias, inteligência coletiva e cultura participativa. Essas mudanças estão produzindo anseios e incertezas, até mesmo pânico, à medida que as pessoas imaginam um mundo sem gatekeeperps e convivem com uma realidade de poder crescente da mídia corporativa (Jenkins, 2009, p. 238-239).

Uma abordagem recente envolve uma noção de letramento literário, que vai além da capacidade de ler e compreender textos literários, englobando também a compreensão dos contextos, das formas de expressão e das múltiplas interpretações que podem ser feitas a partir das obras.

Outro dado a ser observado é o tempo dedicado à leitura por esses estudantes e o dedicado para navegar nas redes. Pelas respostas conquistadas quase 70% dos jovens passam 5 horas ou mais conectados e conforme citado anteriormente, a maior parte desse tempo é atribuída

às redes sociais. Ademais, mais de 70% dos alunos dedicam menos de uma hora diária à leitura e desses 43% não dedicam nenhum tempo. Essas informações confirmam que os entrevistados têm acesso à internet e aos aparelhos tecnológicos, porém os utilizam indiscriminadamente. Diante disso, o letramento digital pode se tornar um instrumento eficaz aliado as aulas de literatura (Santos, Silva, Souza, 2020, p.98).

Soares (2002), ressalta sobre a importância do letramento digital no contexto da escola pública, reconhecendo-o como uma competência essencial para estudantes no mundo contemporâneo. A autora ressalta que as tecnologias digitais têm o potencial de transformar as práticas de ensino e aprendizagem, proporcionando novas oportunidades de acesso ao conhecimento e de interação com a informação. No entanto, a autora também aponta desafios em relação à incorporação do letramento digital na escola pública.

Em sentido contemporâneo, o lócus de leitura não se refere simplesmente à materialidade livresca, mas a toda compilação de registros de dados em inúmeros e diversificados suportes, sejam físicos, eletrônicos ou digitais, ampliando a noção de posse e guarda para acesso e compartilhamento, em arenas permeadas de infinitudes, os acervos e serviços (Rodrigues, 2021, p. 08).

Em relação aos ambientes e suportes de leitura no cenário contemporâneo, Soares (2002) destaca a necessidade de superar as desigualdades de acesso à tecnologia entre os estudantes, garantindo que todos tenham oportunidades iguais de desenvolver habilidades digitais. Além disso, a autora ressalta a importância de uma abordagem crítica ao letramento digital, que não se restrinja apenas ao domínio técnico das ferramentas digitais, mas que também promova a reflexão sobre o uso ético, responsável e crítico da tecnologia.

Além do que foi exposto, criou-se então um novo cenário com novas atitudes em relação à formação do leitor literário contemporâneo, que também é influenciada pelas novas mídias e tecnologias. A leitura digital, obras clássicas em plataformas, audiobooks, podcasts literários e outras plataformas têm também contribuído para a expansão do acesso à literatura, possibilitando novas formas de interação com as obras e criando oportunidades para leituras mais dinâmicas e participativas, assim emergindo costumes diferentes de leitura de obras literárias.

É um tipo de domínio intelectual que só se tem por meio da participação ativa. Ao mesmo tempo, brincar de interpretar papéis era uma fonte de inspiração para que expandissem outros tipos de habilidades de letramento – as já valorizadas pela educação tradicional. O extraordinário nesse processo, no entanto, é que ele ocorre fora de sala de aula e sem qualquer controle adulto direto. Crianças estão ensinando crianças o que elas precisam saber para se tornarem participantes plenas da cultura da convergência. Cada vez mais, educadores estão começando a valorizar o aprendizado que ocorre nesses espaços informais (Jenkins, 2009, p. 251).

Diante disso, é fundamental compreender a diversidade e a representatividade também têm sido valorizadas na formação do leitor contemporâneo, assim como a possibilidade de acesso às obras que antes eram vendidas. Outro fator de significativa relevância é a inclusão de obras que reflitam diferentes perspectivas culturais, étnicas, de gênero e sociais que amplia a possibilidade de identificação e empatia, enriquecendo a experiência de leitura e promovendo uma compreensão mais ampla da sociedade.

Candido (2011), pesquisador e crítico literário brasileiro, não apenas discutiu a importância da leitura e da literatura, mas também discutiu a ideia de que o acesso a elas deveria ser um direito universal. A reflexão é que a literatura desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Também suscitou que a leitura e a literatura não deveriam ser privilégios de poucos, mas sim direitos de todos os cidadãos. Ele via na literatura não apenas uma forma de entretenimento ou de enriquecimento cultural, mas também uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humano e social.

Assim sendo, a literatura tem o poder de “abrir” mentes no sentido de emancipar, ampliar horizontes e promover a reflexão sobre questões éticas, morais e sociais. Portanto, o mesmo acredita como crucial que o acesso à literatura não fosse limitado por barreiras econômicas, sociais ou culturais.

Em destarte, Candido (2011) defende a ideia de que a leitura e a literatura são direitos universais que devem ser garantidos a todos os membros da sociedade, independentemente de sua origem ou condição socioeconômica. A reflexão é que a literatura não é apenas um bem cultural, mas também uma ferramenta poderosa para promover a inclusão, a justiça e o desenvolvimento humano, além do desenvolvimento da empatia e da capacidade de compreender diferentes realidades e perspectivas.

Assim, a tessitura da formação do leitor na esfera da escola pública pode ser permeada por uma política neoliberal, cujo viés reside na perpetuação de estereótipos e preconceitos, contrapondo, assim, a diversidade e a multiplicidade de perspectivas e vozes efervescentes juvenis. Mediante essa empreitada, vislumbra-se a promoção de uma rica variedade de vozes, culturas e perspectivas, engendrando, por conseguinte, um terreno educacional mais inclusivo e sensível às necessidades multifacetadas da sociedade contemporânea.

Tal abordagem revela-se particularmente saliente no panorama do século XXI, no qual a taxonomia de autores poderia, hipoteticamente, ser construída com base em uma escala de agudeza e força, que tange à apreensão e exploração das novas potencialidades ensejadas pelas técnicas multimídia. Nesse escopo, autores poderiam ser categorizados conforme sua habilidade mais ou menos aprimorada na percepção e exploração das oportunidades emergentes por meio das ferramentas multimídia (Chartier, 1998).

De fato, essa abordagem invertida pode revelar aspectos ocultos da relação entre forma e conteúdo, revelando classes de interpretação que frequentemente permanecem submersas em análises mais convencionais. A classificação de autores com base para lidar com as dinâmicas das técnicas multimídia não apenas reflete a crescente complexidade das expressões literárias na era digital.

No mundo interligado, é notório que os estudantes têm a necessidade de acessar e navegar através de diferentes suportes. Os professores/orientadores podem conduzir no uso mais consciente dos sites, acervos de livros e plataformas de leitura. No Plano Nacional de Educação tem como uma das prioridades melhorar a estrutura tecnológica das mídias com laboratórios (tablets e outros aparelhos coletivos). A internet instala novas configurações para a leitura, novas formas de escrita, novas dimensões da comunicação e novas possibilidades de interação social, oferecendo um novo tipo de leitor. Santaella, (2013).

Aqui, vale destacar que a pesquisa em vigência busca suscitar outras reflexões e contribuições teóricas sobre a importância do uso de suportes digitais na formação do leitor na perspectiva crítica e questionadora. Usar as redes seguindo padrões performativos significa que o sujeito ainda é controlado, todavia na internet tem uma gama de possibilidades para construir o conhecimento: plataformas de leituras nas quais os leitores interagem sobre determinadas obras, discutem sobre a temática e até associam com o que vivem. Portanto, os usuários das redes podem fazer o uso crítico da leitura em plataformas. No entanto, usar as redes de forma padronizada e sem questionamentos é manter as manipulações políticas e econômicas de poder.

O digital traz marcas de formação de um leitor mais questionador, quando o professor se torna um mediador crítico, possibilitando a formação de sujeitos mais autônomos e partícipes na sociedade. A maioria dos estudantes já apresentam aproximações e facilidades nesse tipo de leitura na tela, pois o estudante da escola pública que possui um aparelho móvel (celular), com conectividade em dados móveis, na escola ou rede aberta, pode acessar e ler um livro digital. Assim, para que a leitura seja, de fato emancipatória, é necessário que ocorra uma mudança de postura do leitor, ou seja, o seu contato com o livro (digital ou não) precisa gerar uma transformação na sua maneira de pensar e essa modificação de postura leva o sujeito a questionar os padrões e sistemas de controle e poder.

A partir das contribuições teóricas do filósofo russo Mikhail Bakhtin, analisaremos o papel do leitor nas práticas de leitura no contexto escolar, a fim de que possamos resgatar a postura responsiva e participante dos envolvidos no ato de ler, por entendermos que o ato de leitura está repleto de significados que não se esgotam entre a palavra escrita e o leitor. O encontro entre a palavra e o sujeito que lê estabelece uma experiência que pode modificar a concepção que ambos têm do mundo e das suas próprias existências (Carvalho, 2014, p. 13).

Diante das ideias apresentadas, observa-se a importância do papel do leitor na escola partindo para uma atitude mais participante e ativa e que a leitura vai além do significado; mas parte para uma experiência individual que gera um resultado na pessoa capaz de transformar a visão de mundo. Daí, nota-se um início de movimento que parte para mudança de postura e questionamento.

Nessa esteira, o ato de ensinar e aprender na cultura digital demandam cuidados e reflexões inerentes ao momento atual. Se o estudante for bem orientado para uma leitura emancipatória, o mesmo poderá fazer o uso de tecnologias para além de uma visão meramente instrumentalista. Tal fato, como já apresentado, ocorre somente a partir da atuação do professor, de forma criteriosa e crítica na formação do leitor decolonial. Esse contexto é marcado por sua característica disruptiva, em novas formas de comunicação, interação e compartilhamento do conhecimento.

Nesse sentido, Bakhtin (1993) ressalta que os enunciados e os discursos não possuem significados estáticos e universais, mas são construídos de forma contingente e variável, a depender dos diferentes contextos sociais e econômicos em que são produzidos e recebidos pelos interlocutores. Para tanto, o enunciado é compreendido

como uma unidade complexa e dinâmica, que envolve não apenas aspectos linguísticos, mas também culturais, históricos e ideológicos. A compreensão desse processo requer uma análise cuidadosa dos diversos fatores que influenciam a produção e a recepção dos enunciados em diferentes contextos sociais e históricos.

Segundo Frank (2021), a construção de conhecimento é um processo que envolve o encontro entre o signo e o compartilhamento social de valores culturais. Ele argumenta que a realidade social se manifesta na perspicácia do professor em identificar possíveis mudanças e implementá-las de maneira significativa. Para o autor, o papel da linguagem é fundamental na problematização das questões e a sua análise revela a dinâmica das relações sociais.

Soares (2009) aborda a relação entre leitura e democracia cultural, destacando a importância da promoção da leitura como um direito democrático e uma ferramenta para a inclusão social. Ela argumenta que a leitura deve ser vista como um direito fundamental de todos os cidadãos em uma sociedade democrática. Também enfatiza que a democratização do acesso à leitura é essencial para promover a igualdade de oportunidades e a inclusão social, destacando que a leitura não é apenas uma habilidade individual, mas também uma prática cultural que reflete e influencia as dinâmicas sociais e políticas de uma comunidade, bem como promovendo a diversidade cultural e fortalecendo a democracia.

No entanto, Soares (2009), discute os desafios enfrentados na democratização da leitura, incluindo questões relacionadas ao acesso aos livros, à formação de mediadores de leitura e à promoção de práticas de leitura significativas em diferentes contextos sociais e culturais. A autora reitera sobre a importância de pesquisas e práticas educacionais que buscam compreender os processos de leitura e desenvolver estratégias eficazes para promover a leitura em diferentes contextos sociais e culturais.

Assim, é necessário educar criticamente, entendendo a linguagem como uma prática social que se relaciona com a cultura e as relações de poder. Frank (2021) ainda destaca a importância do papel do docente no processo de construção de conhecimento e de mudanças sociais e salienta que é preciso estar atento às manobras da linguagem que possibilitam a problematização das questões, buscando formas de educar de maneira crítica e reflexiva.

No âmbito da análise crítica, surge a proposta de adotar uma perspectiva reflexiva inversa, orientando-se desde as formas até os conteúdos que elas veiculam. Nesse contexto, é imperativo direcionar nossa atenção para a ampla diversidade de significados que estão imbuídos em um mesmo texto, à medida que este atravessa

modalidades distintas de transmissão. Nesse contexto, torna-se crucial explorar as sutis variações interpretativas que se intensificam quando uma obra é mantida a diferentes meios de comunicação.

De fato, essa abordagem invertida pode revelar aspectos ocultos da relação entre forma e conteúdo, revelando classes de interpretação que frequentemente permanecem submersas em análises mais convencionais. A classificação de autores com base em sua permitida para lidar com as dinâmicas das técnicas multimídia não apenas reflete a crescente complexidade das expressões literárias na era digital, mas também propõe uma nova lente pela qual os méritos autorais podem ser apreciados e contextualizados nos horizontes vindouros.

No cenário da cultura da conexão e da convergência Jenkins (2009) também destaca a importância de leituras críticas, reflexivas e interativas. Isso significa que os estudantes devem ser incentivados a questionar as ideias e valores que são transmitidos pela Literatura. O professor tem o papel de orientar nas leituras feitas para que, de fato, haja a reflexão sobre a condição do dominado e que este, por sua vez, passe a questionar as imposições sociais, econômicas, entre outras.

Para tanto, repensar as possibilidades e estratégias de leitura nas redes e formação do leitor digital como resistência de dominação e de caráter emancipatório na escola pública é emergencial. Se o estudante da escola pública não tem condições de comprar artefatos de leitura, agora ele pode acessar, utilizando a internet da unidade de ensino que faz parte e os aparelhos tecnológicos disponíveis, tanto dos laboratórios de informática, quanto de seu pertencimento, como dispositivos móveis.

Em consonância com as ponderações de Rodrigues (2019), a emergência das tecnologias contemporâneas e dos suportes digitais tem provocado desafios às convenções tradicionais de leitura e escrita, conferindo novas aberturas para a possibilidade de construção de leitores com maior perspicácia crítica e reflexiva.

Considerações

Nos fenômenos da cultura digital e formação do leitor digital, pode desvelar um sujeito mais resistente quanto às relações de poder instauradas nas redes e também se destaca a mudança de atitude por meio de leituras críticas e reflexivas. Isso significa que os estudantes devem ser incentivados a questionar as ideias e valores que são transmitidos pela Literatura.

O professor tem o papel orientador nas leituras realizadas em plataformas de leitura e acesso aos acervos de obras com temas que refletem contextos sociais

diversos e inclusivos. Assim, possibilitará a formação do leitor digital para que haja a reflexão a partir das narrativas. O leitor reflete sobre a condição do dominado e que este, por sua vez, passe a questionar as imposições sociais, econômicas, entre outras.

As metamorfoses intrínsecas ao tecido social, capazes de engendrar mudanças concretas e profundas, com criação de potencialidades, são, segundo Rodrigues (2019), articuladas sobretudo por meio de procedimentos reticulares, mediados pela conexão. Essa característica reticular, ou seja, a interconexão e interdependência das partes componentes, emerge como um elemento central no processo de transformação social induzido pelas Humanidades Digitais. A conectividade que as tecnologias contemporâneas proporcionam um terreno acolhedor para os novos padrões de interação, comunicação e colaboração, gerando sinergias que têm o potencial de reconfigurar as estruturas sociais preexistentes.

Portanto, a dinâmica das Humanidades Digitais transcende a mera integração de tecnologias na educação, introduzindo uma metamorfose mais profunda e sutil nos substratos mesmo do conhecimento e do aprendizado. Essa abordagem reconhece a conectividade como um dos pilares fundamentais da mudança social, e como as redes emergentes moldam a construção do conhecimento e a interação humana representam uma dimensão crucial no panorama educacional contemporâneo e nas evoluções sociais que podem ser geradas por essa intersecção.

Nesse contexto, Santaella (2022) enfatiza o valor do cultivo do pensamento e da formação intelectual entre os jovens a partir do hábito de leitura, promovendo a busca por informação em fontes seletivas e desenvolvendo práticas interpretativas. Para a autora, o mundo contemporâneo se caracteriza por uma complexidade avassaladora, o que nos impede de sucumbir à tentativa ilusória da inércia mental. Nesse sentido, o estudo da semiótica traz um olhar mais refinado e apurado, em relação à formação do leitor digital em contextos literários.

Referências

BAKHTIN, Michael. Questões de literatura e de estética - **A teoria do romance**. São Paulo: UNESP-HUCITEC, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos. Direito à Literatura**. 5ªed, Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2011.

CARVALHO, Letícia Queiroz de. **A leitura na escola: as contribuições de Mikhail Bakhtin para a formação do leitor responsivo**. 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo. Editora UNESP, 1998.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FRANK, Helvio. A complexidade da linguagem e de seus usos: incitações a uma educação linguística crítica. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n. 43, p. 296- 308, 2021.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003. p. 39 –46.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

PEIRCE, Charles Sanders. 1939-1914. **Semiótica** [Tradução: José Teixeira Coelho Neto]. – 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidades, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2021.

ROJO, Roxane Helena R; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane Helena; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2015.

RODRIGUES, Olira Saraiva. **Multitecas de estantes a instantes**. Editora UEG (Universidade Estadual do estado de Goiás). Anápolis, 2019.

RODRIGUES, Olira Saraiva. Biblio/mídia/multi(tecas): sucedâneas, limítrofes ou amálgamas? **Revista de Letras**, v. 23, 2021, p. 53-73. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/12566/8388> Acesso em: 10 jun. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Três Passos, 1983.

SANTAELLA, Lucia. Os algoritmos sonham por nós. Entrevista concedida a Marcelo Barcelos. **Estudos em Jornalismo e Mídia** - v. 19, n. 2, jul./dez. 2022.

SANTOS, Rayane Beatriz. SILVA, Maria Clara da. SOUZA, Andrey Lopes de Souza. A fanfic e o spirit fanfic: Algumas considerações sobre relações sociais, internet e potencialidade de uso das fanfics como recurso pedagógico. **Ensino em Revista**. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para os estudantes do ensino médio? O eclipse da literatura. In: In: **Leitores e leituras na contemporaneidade**. Andrea Saad Hossne Patrícia Trindade Nakagome (Organizadoras). Araraquara Letraria: p. 11-26, 2018.